

Comentários sobre o livro “O Estrangeiro” de Camus

Considero o livro uma obra magnífica pois o autor, através de uma história simples, quase uma crônica policial, um texto que poderia inclusive passar despercebido –por um leitor menos avisado-- se fosse publicado num jornal de baixa circulação ou até, talvez, em um seriado de televisão, conseguiu abranger e expor as grandes diferenças existentes entre as civilizações ocidental e oriental, diferenças essas que afetam as crenças e o comportamento dos habitantes de ambas as culturas.

Para os Ocidentais os árabes muçulmanos são um povo fanático, violento, culturalmente estagnado, terroristas que assassinam suas próprias filhas se as mesmas cometerem “crimes de honra” ou qualquer pessoa ou grupo de pessoas que ousarem publicar imagens satíricas de Maomé. Exemplo desse fanatismo pode ser comprovado pelos ataques ocorridos em 2015 na sede do **jornal Charlie Hebdo em Paris, quando, de acordo com a Polícia francesa, 12 pessoas morreram e 11 ficaram feridas.** Mais recentemente, outra prova desse fanatismo pode ser encontrada na decapitação do professor **Samuel Paty, de 47 anos, morto após mostrar caricatura de Maomé em uma aula em uma escola francesa.**

Enquanto que no Ocidente o Estado está separado da Religião, nos países muçulmanos a vida cultural, social e até política está estreitamente vinculada à SHARIA. A Sharia é o sistema jurídico do Islã. É um conjunto de normas derivado de orientações do Corão, falas e condutas do profeta Maomé. A Sharia serve como diretriz para a vida que todos os muçulmanos deveriam seguir.

Para os muçulmanos, seguidores da Sharia, os ocidentais são um povo amoral, que não respeita e não protege suas próprias famílias, um povo que permite que suas filhas se “prostituem” pois podem namorar livremente sem serem casadas, usar roupas pouco modestas, não usar véus para cobrir o rosto e os cabelos e serem vistas em público desacompanhadas. Criticam os ocidentais por deixarem seus velhos pais abandonados, sobretudo a mãe. Para os muçulmanos a figura materna é sagrada: Leiam abaixo o que diz o Corão sobre o respeito aos pais e sobretudo à mãe:

O mandamento de ser bom para os pais começa no Corão. Deus diz:

“Adorai a Deus e não vos associais com Ele, e sede bondosos com os vossos pais...”
[Sagrado Corão 4:36]

A menção de servidão aos pais segue imediatamente após a servidão a Deus. Isto é repetido em todo o Corão.

“O teu Senhor decretou que não adoreis a ninguém senão a Ele, e que sereis bondosos com os pais: se um ou ambos atingem a velhice na vossa vida, não lhes digais uma palavra de desprezo, nem os repelais, E, por bondade, abaixe-lhes a asa da humildade e diga: “Meu Senhor! Concede-lhes Sua Misericórdia, assim como eles me amaram na infância.”
[Sagrado Corão 17: 23-24]

“E ordenamos ao homem, aos seus pais, um bom tratamento: sua mãe o carregou com dificuldades e deu-lhe o nascimento com dificuldades, e sua gestação e desmame é de trinta meses. [Ele cresce] até que, quando ele atinge Maturidade e atinge quarenta anos,

ele diz: “Meu Senhor, capacita-me a ser grato pelo Seu favor que Você tem concedido a mim e aos meus pais e para trabalhar a justiça de que Você vai aprovar e tornar justo para mim Minha prole. Na verdade, eu me arrependi a Ti, e na verdade, eu sou dos Muçulmanos.” [Sagrado Corão 46:15]

Maome em seus ensinamentos afirma que a mãe tem prioridade, inclusive sobre o pai, nos cuidados que seu filho prestar à família

O Profeta Muhammad é continuamente usado para lembrar seus seguidores do status da mãe e da obrigação de ser bom para os pais. A seguinte narração é um belo exemplo da nobre posição da mãe:

Um homem veio ao Profeta ﷺ e disse: “Ó Mensageiro de Deus! Quem dentre os homens garante a melhor companhia de mim? Ele respondeu: “Sua mãe.” O homem perguntou: Então quem? Então ele respondeu: “Sua mãe.” O homem então perguntou: Então quem? Então o Profeta respondeu novamente: “Sua mãe.” O homem então perguntou: Então quem? Então ele respondeu: “Então, seu pai.”

Além dessa diferença cultural e religiosa, é importante notar o momento político narrado na obra. Em 1942, a França ainda dominava a Argélia mas os movimentos independentistas já se faziam notar através da criação de grupos de resistência à colonização francesa. Os “pieds noirs” (colonizadores franceses) já estavam sendo apontados como inimigos do povo Argelino. E inúmeras autoridades locais, que aprenderam nas escolas francesas de Argel a importância da revolta na luta pela independência, tinham se unido ao povo argelino na luta contra a opressão francesa.

Após a compreensão desse cenário fica fácil entender os acontecimentos narrados por Camus no livro. De fato o “herói” do livro, Meursault, exibiu comportamentos ocidentais ao colocar sua mãe em um asilo de velhos, não chorar no seu enterro e não se importar em matar “árabes” (afinal não foi isso que a França fez para poder conquistar os países árabes?) Tal comportamento além do fato de Meursault ser um “invasor” francês explica sua condenação à morte.

No entanto nem sempre o comportamento de Meursault seguiu o comportamento padrão e esperado de um ocidental e talvez esse comportamento dubio explicasse a “estrangeirice” de Meursault. Como francês ele deveria defender o cachorro espancado, a namorada esbofetada, o amigo traído,, mas ele nada fez,, De certa forma ele assumiu o modo de ser muçulmano enquanto mantinha dentro de si o ódio do colonizador francês aos árabes.

Essa dubiedade de sentimentos fez com que ele se tornasse um estrangeiro nos dois países. E essa mistura de tendências se manifesta também no fim do livro quando por ter sido preso em uma cela solitária ele se acostuma à prática da meditação e da introspecção, se recusando inclusive a atender às exigências transformistas pregadas pelo padre cristão e adquire o hábito da religiosidade contemplativa, todas essas práticas religiosas orientais.

O livro termina assim ,com o Estrangeiro deixando de ser estrangeiro pois foi conquistado pela religião oriental.

